PROCESSO COMIBAM III

Relatório técnico

FORTALEZAS E DEBILIDADES do Movimento Missionário Ibero-americano

Equipe de investigação:

Levi DeCarvalho, PhD (coordenador)

Ninette Jiménez

Carlos González

Samuel Guerrero

Outubro 2006

Ficha técnica

PROCESSO COMIBAM III

“Fortalezas e debilidades do movimento missionário evangélico ibero-americano”: Uma análise do chamado, capacitação, envio e trabalho de campo dos missionários evangélicos ibero-americanos.

EQUIPE DE INVESTIGAÇÃO

Levi DeCarvalho, PhD (coordenador), Ninette Jiménez, Carlos González y Samuel Guerrero

Contatos:

investigacion@misiopedia.org *www.misiopedia.org*

EM COLABORAÇÃO COM

COMIBAM INTERNACIONAL (COOPERAÇÃO MISSIOÁRIA IBERO-AMERICANA)

Contatos:

investigacion@comibam.org

www.comibam.org

Tabela de conteúdo

Introdução

A presente investigação tem surgido com base na necessidade, sentida pelo movimento missionário evangélico ibero-americano, de avaliar sua atuação entre as mega esferas, principalmente entre os grupos não alcançados. O projeto está previsto para três anos, começando em 2006 e terminando em 2008. Na primeira fase, o enfoque tem sido nos missionários de campo. As fases seguintes enfocarão nas estruturas de envio e os receptores no campo.

O presente relatório se limita a apresentar os dados “crus”, como nos foram entregues através das pesquisas realizadas. Somente classificamos a informação por temas e assuntos, de acordo com as divisões da Tabela de Conteúdo. Nosso objetivo é prover os dados básicos que podem ajudar aos líderes evangélicos ibero-americanos a refletirem sobre as fortalezas e debilidades do nosso movimento missionário como um todo. Com base em uma sólida reflexão, o movimento poderá encontrar soluções para os problemas levantados aqui. Ha outros problemas, sem dúvida, mas cremos que temos listado os principais.

DADOS GERAIS

Investigação baseada em uma pesquisa de 110 perguntas, entrevistas e estudos de casos divididos em quatro temas (chamado, capacitação, envio e trabalho de campo). **Universo:** Missionários evangélicos ibero-americanos atuando em todo o mundo. **Número de entrevistados que participaram da pesquisa:** 428 (45,6% do total dos convidados) selecionados dentre cada uma das mega esferas, ministérios, posições teológicas e opções de envio que representam o movimento missionário ibero-americano. **Datas:** Junho-Agosto 2006. **Gral de confiabilidade:** 95%. **Margem de erro**: inferior a 5%. **Legenda**: N/S = não soube informar.

A linguagem usada busca respeitar as distinções do gênero ao máximo possível. Assim mesmo, pedimos perdão se ofendemos a alguém nesse detalhe.

PERFIS

Teve-se o cuidado de incluir diferentes tipos de ministério (capacitação, estabelecimento de igrejas, tradução bíblica, desenvolvimento comunitário e outros), mega esferas de serviço (Américas, budistas, Europa, hindus, muçulmanos, tribos e outros), missionários novatos e veteranos, posições teológicas (independentes, pentecostais, tradicionais, interdenominacionais e outros), homens e mulheres, casados e solteiros, países de origem e países de serviço, assim como aqueles/as enviados tanto por agências como por suas igrejas ou denominações. De fato, não se tem alcançado uma correspondência exata com as estatísticas mais recentes. Sem embargo, a confiabilidade dos resultados fica assegurada em vista do número total de participantes assim como dos cálculos de margem de erro.

Edad
250
200
150
100
50
0
> 25 años
26 a 35 años
36 a 45 años
46 a 55 años
< 55 años

Megaesfera
Budistas 2%
Hindúes 7%
Otros 8%
Tribales 13%
Musulmanes 42%
Americas 14%
Europa 14%

Grupo Teológico
Desconocido 3%
Independiente 12%
Interdenomi-nacional 40%
Tradicional 21%
Pentecostal 24%

Nacionalidad
Venezuela 4%
Costa Rica 3%
España 3%
Guatemala 3%
Puerto Rico 3%
Uruguay 5%
Colombia 5%
Ecuador 3%
Chile 3%
USA 3%
Perú 2%
El Salvador 7%
Otros 7%
México 13%
Brasil 18%
Argentina 20%
Nicaragua 2%
Paraguay 1%
Honduras 1%
República Dominicana 1%
Bolivia 1%
Portugal 0%
Canadá 0%
Panamá 0%
ESTADO CIVIL
SOLTEROS 34%
CASADOS 66%
Género
Masculino 48%
Femenino 52%

AGRADECIMENTOS

Desejamos manifestar nossa gratidão às pessoas e entidades que brindaram seu apoio a realização deste projeto de investigação. Em especial, queremos agradecer aos obreiros do campo que nos permitiram submeter-lhes a um grande questionário, além de compartilhar conosco suas histórias e experiências pessoais. As igrejas e denominações, agências e juntas missionárias que nos permitiram tomar o tempo de seus obreiros, nossa gratidão. As entidades que forneceram os fundos usados na investigação, nosso reconhecimento e palavra de agradecimento da mesma forma. Também agradecemos as pessoas que nos brindaram com seu apoio em distintas fases do projeto, com suas sugestões, críticas e contribuição. Igualmente agradecemos a Cooperação Missionária Ibero-americana (COMIBAM) por convidar-nos a realizar este trabalho voluntário. Os técnicos que nos ajudaram em distintas fases do projeto, também merecem uma menção especial. Aos membros da equipe, por tirar de seu tempo em família e como membros de suas igrejas e agências para ocupar-se de esse esgotante empreendimento, nossa gratidão.

Seguramente o projeto tem suas debilidades e fortalezas, como um reflexo das mesmas fortalezas e debilidades que encontramos em nossos colegas de campo.

A Deus seja a glória.

A equipe de investigação
Dr. Levi DeCarvalho, PhD, coordenador
Ninette Jiménez, Carlos González, Samuel Guerrero

Capítulo 1
Clamado

Nesta seção tratamos os seguintes assuntos: experiência na igreja local, relações familiares, discipulado, cura interior, apoio da igreja ao chamado missionário de seus membros, a igreja do obreiro como modelo para o campo missionário e grupos de intercessão.

A. Experiência prévia na igreja local

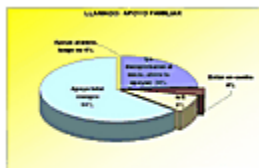
A experiência do missionário na sua igreja de origem é um fator preponderante na formação de seu caráter cristão e a preparação para o campo. Muito do que o obreiro vive no campo reflete em sua participação no ministério da sua igreja local.

Uns 87,5% dos entrevistados crêem que o candidato deve ter-se envolvido ativamente no ministério da sua igreja local ou haver ocupado alguma posição de liderança, sendo formal ou informal, antes de sair ao campo.

- Especificações por **gênero**. Para as mulheres, o ministério na igreja não está necessariamente ligado a liderança. Para 42% delas, o (a) futuro (a) missionário (a) deve envolver-se na igreja, porém não necessita ser um líder, entretanto as que crêem que a pessoa deve ser um líder informal na sua igreja alcança uns 31%. Para os homens, as porcentagens som 35% e 30% respectivamente, ou seja, as opiniões som convergentes entre ambas.
- Com relação ao **tempo de serviço**, as porcentagens são equivalentes: por meio de 38.5% crê que a pessoa deve envolver-se em sua igreja, porém não necessita ser líder, enquanto que por meio de 30.5% crê que a pessoa deve ser líder em sua igreja ainda que de maneira informal.

B. Relações familiares

Os 67.5% dos entrevistados procedem de lares de onde os problemas foram típicos (comuns e correntes) a qualquer família; estas experiências vividas não comprometeram em nada sua atividade missionária, segundo testificam. Os 8%, ainda que tiveram problemas familiares fortes, buscaram a ajuda de conselheiros para resolvê-los. Se somarmos as duas primeiras porcentagens (67.5% + 8%), podemos assumir que os 75.5% dos missionários entrevistados tiveram/têm uma boa relação familiar. Só um mínimo de 2% está no campo ainda com assuntos pendentes que resolver com seus familiares. Sem embargo, uma porcentagem bastante considerável, 22%, não souberam informar.

Uma alta porcentagem, 64%, dos missionários teve, desde seus inícios, um apoio incondicional de seus familiares em todo seu processo missionário. Os 24% receberam um rejeição no início, mas, logo, seus familiares o apoiaram em tudo. Só uma minoria, 4%, esteve e está contra a atividade missionária de seu familiar. A somatória das primeiras duas porcentagens (64% + 24%) alcança os 88% para os missionários que contam com o apoio de seus familiares nas atividades que desenvolvem no campo.

C. Experiência previa com o discipulado

Nesta seção, fizemos uma distinção entre a experiência de receber um discipulado e sua contrapartida que é fazer discípulos. A primeira é uma experiência passiva, num certo sentido, enquanto que a segunda é uma experiência ativa, de buscar a outras pessoas com a intenção de imprimir nelas o caráter de Cristo. Essa segunda experiência é uma forma de preparação para o campo pela qual o individuo forma líderes em potencial para a obra de Deus.

RECEBER DISCIPULADO

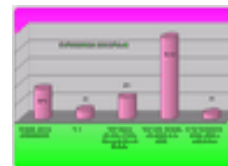
Em geral, os 94,5% dos entrevistados crêem que o futuro missionário (a) deve ter recebido alguma classe de discipulado antes de sair ao campo:

- **Gênero**. Para 46% dos homens, o obreiro deve buscar um discipulador se for possível em sua própria igreja; 55% das mulheres estão de acordo com eles. Para 35% das mulheres, a pessoa não deve sair ao campo sem haver passado por uma experiência de discipulado em sua igreja local, opinião compartilhada por 43% dos homens.

- **Grupos de idade**. 50% dos obreiros com menos de 25 anos e 54% dos obreiros entre 25-30 anos de idade concordam com 50% dos obreiros entre 36 e 55 anos em que a pessoa deve buscar um discipulador dentro ou fora de sua própria igreja, opinião compartilhada igualmente por 41% dos obreiros com mais de 55 anos. Para 48% destes últimos, o obreiro não deve sair ao campo sem ter sido discipulado em sua igreja de origem, opinião compartilhada por 39% dos obreiros entre 36 e 55 anos e 35% dos obreiros entre 25-35 anos de idade.
- **Tipo de trabalho**. Os obreiros que trabalham com tradução estão de acordo em que a pessoa deve buscar um discipulador (a) dentro (21%) ou onde possa encontrá-lo (64%), porém, em contraste com os de mas, em que só 14% disseram que o obreiro não deve sair ao campo sem essa classe de experiência (a média dos demais é de 38.5%).

FAZER DISCIPULADO

Por outro lado, 54,5% afirmam haver tido discípulos próprios, os quais os apóiam em seu trabalho de campo. Vejamos mais detalhes abaixo os seguintes aspectos:

Tempo de serviço. Os 60% dos obreiros com 5 anos ou mais no campo relata haver discipulado a outros que lhe apóiam em seu

trabalho transcultural. Os 46% dos mais novos no campo (menos de 2 anos) e uns 49% dos demais (entre 2 e 5 anos de campo) dizem o mesmo.

- **Gênero**. A tendência com o discipulado é mais proeminente entre os homens (62%) enquanto que uns 48% das mulheres relata que também fizeram vários discípulos, os quais lhes apóiam em seu ministério transcultural. Sem embargo, outros 23% das mulheres e uns 17% dos homens afirmam haver feito discípulos (as), mas "sem muita profundidade".
- **Idade**. A metade dos obreiros mais jovens (menos de 25 anos) relata que evangelizaram a algumas pessoas, mas não podem dizer que são seus discípulos (50%); os outros 50% desse mesmo grupo não soube informar. Para uns 43% dos obreiros entre 25 e 35 anos e para a maioria dos obreiros de mais idade (em média de 56%), os discípulos que fizeram os apóiam em seu trabalho de campo.
- **Tipo de trabalho**. Uns 36% dos que trabalham com tradução dizem que admiram os que fazem discipulado, porém isso não foi fundamental em sua experiência antes de sair ao campo; a média dos demais que disseram o mesmo é só de uns 3.5%. Os que responderam que fizeram vários discípulos que os apóiam em seu trabalho foram: capacitação de líderes (60%), desenvolvimento comunitário (50%), estabelecimento de igrejas (60%), tradução (43%) e trabalho não especificado (39%).

D. Cura Interior

Os 84.5% dos entrevistados crêem que antes de sair ao campo à pessoa deve buscar ajuda de conselheiros, seja dentro ou fora de sua igreja local. Os demais 15.5% se dividem entre os que crêem que o obreiro só deve buscar ajuda se sentem em seu coração (10%), os que pensam que o obreiro não necessita buscar ajuda de ninguém porque pode resolver seus problemas diretamente com Deus (1.5%) e os que não souberam informar (4%).

- **Idade**. Uns 100% dos obreiros mais jovens (menos de 25 anos), uns 80% para o segundo grupo (25-35 anos), uns 83% para o terceiro grupo (36-45 anos), uns 76% para o quarto grupo (46-55 anos) e uns 66% para os maiores de 55 anos estão de acordo em quanto a este assunto.
- Os índices por gênero e estado civil refletem essa mesma tendência. Uns 81% das mulheres e uns 77% dos homens estão de acordo, enquanto que uns 77% dos casados e uns 83% dos solteiros seguem a mesma opinião.

E. Apoio e reação da igreja ao chamado

Nesta seção, fizemos uma distinção entre a maneira como a igreja tem reagido referente ao chamado dos obreiros entrevistados no passado e a maneira como a igreja reaciona hoje ao chamado de novos candidatos ao campo que surgem dentro de seu seio.

APOIO

Em geral, uns 80% dos obreiros entrevistados tem conseguido o apoio da sua igreja (60% do total desde o princípio). Só uns 20% relatam que não o tem conseguido até esta data.

- **Gênero**. Houve mais apoio da igreja para os homens (65%) que para as mulheres (56%) desde o começo.
- **Estrutura de envio**. Os obreiros com mais dificuldades de receber o apoio de suas igrejas são precisamente os que não estão vinculados a nenhuma agência[1], dos quais uns 30% sempre tem recebido apoio das igrejas, uns 10%

[1] Uns 2.5% de todos os entrevistados, tem elegido a opção “desconhecido” quando perguntados a que tipo de estrutura de envio estão vinculados. As opções de estruturas no perfil foram: agência, igreja e estrutura desconhecida.

recebeu apoio inicial e logo o perdeu, e outros 30% não o obtiveram ao início, porém logo o alcançaram em receber. Outros 30% não souberam informar. Por outro lado, uns 57% dos obreiros vinculados a **agências missionárias** e uns 65% dos obreiros enviados por suas **igrejas/denominações** relatam que sempre têm sido apoiados por suas igrejas de origem. Ainda que esses dados sejam positivos, a diferença é significativa: uns 10% dos obreiros que são enviados por agências perdem ou não contam com o apoio de suas igrejas depois de um tempo no campo.

Também aos solteiros se fez a mesma pergunta em quanto ao apoio de sua igreja ao chamado, o que informaram de uma forma geral, que uns 99% obteve apoio de sua igreja. Desses, os 19% não obtiveram a princípio, mas depois sim e outros 7% foram aconselhados a casar-se antes de sair ao campo. Por outro lado, uma minoria (1%) não recebeu o apoio da sua igreja porque não admitem a candidatos ao campo solteiros.

- **Gênero**. As mulheres (67%) receberam mais apoio que os homens (33%).

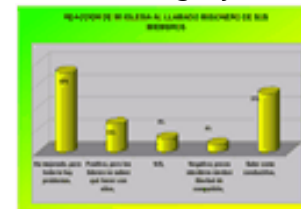
- **Estrutura de envio**. Os 47% são enviados por uma agência e os 51% pela igreja local.

Enquanto a sair ao campo, os 61% dos obreiros tiveram a segurança de ir ao campo solteiro; uns 19% tiveram temor a princípio, mas o testemunho de outros solteiros os animou a sair

nesse estado; os 18% disseram que saíram com a “esperança de casar-se” no campo; e uns 2% ainda sentem muito por haverem saído na condição de solteiros.

- **Gênero.** As mulheres (80.5%) estiveram dispostas para irem ao campo sozinhas, mais que os homens (19.5%). Além do mais, 96% delas foram motivadas pelo testemunho de outros solteiros, comparadas com só os 4% dos homens.
- **Estado civil.** Os 87% dos que sairão solteiros continuam solteiros; os demais 13% se casaram.

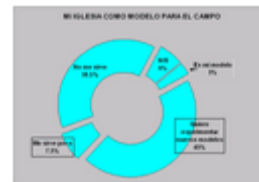
REAÇÃO

Perguntado sobre como suas igrejas reagem hoje quanto aos membros que se sentem chamados a fazerem missões, uns 31% dos obreiros entrevistados responderam que eles sabem como conduzir a alguém em seu chamado. Para uns 42%, a igreja tem melhorado em sua reação “mas ainda temos problemas nessa área”, enquanto que uns 15% relatam que a atitude de suas igrejas “tem sido muito positivo, porém os líderes não sabem o que fazer com essas pessoas”. Em outras palavras, segundo os obreiros que participaram da pesquisa, uns 57% das igrejas ainda necessita ajuda para saber o que fazer com relação a seus membros que sentem um chamado missionário.

- **Gênero**. Para uns 44% das mulheres e uns 40% dos homens, a igreja tem melhorado, mas ainda há problemas nessa área. Para uns 28% das mulheres e 34% dos homens, a igreja sabe como reagir e o que fazer com seus membros que se sentem chamados a missões.

- **Mega esfera**. O grupo de obreiros que relata o índice mais alto de reação negativa da igreja a seu chamado é o que trabalha entre budistas (33%), muito por cima dos demais (em média de 4%) que relatam um comportamento similar por parte de suas igrejas. Uns 22% dos que trabalham em contextos budistas

também relatam que a reação de suas igrejas ao chamado de seus membros é positiva, mas não sabem o que fazer com eles; outros 22% disse que a atitude de suas igrejas tem melhorado com o tempo porem ainda tem problemas por resolver.

F. A igreja do obreiro como modelo para o campo

Em linhas gerais, uns 45% dos obreiros entrevistados relata que sua igreja de origem tem muito bons aspectos, mas preferem experimentar novas formas de igreja no campo. Para outros 38.5%, sua igreja é muito apropriada para seu contexto, mas não crêem que sirva de modelo para seu campo missionário. Só para uns 3% sua igreja de origem é um modelo a reproduzir-se no campo.

- **Gênero**. Os homens (50%) estão mais dispostos a experimentar novas formas de igreja que as mulheres (40%).
- **Tempo de serviço**. Em média de 41% dos obreiros entre menos de 2 até 10 anos no campo relata que sua igreja de origem não lhes serve como modelo, enquanto que só uns 32% dos obreiros com mais de 10 anos de trabalho transcultural compartilham essa opinião. Por outro lado, uns 47% dos obreiros entre menos de 2 até 5 anos no campo, uns 40% dos que estão de 5 até 10

anos no campo e uns 48% dos que levam mais de 10 anos de trabalho preferem experimentar novos modelos de igrejas na sua área.

- **Mega esfera**. Os que se dizem mais dispostos a experimentar novos modelos eclesiásticos são os que trabalham na Europa (60%) e os que não especificam seu lugar de trabalho (51%). Para uns 49% dos que trabalham entre muçulmanos, uns 40% dos que trabalham entre tribos e uns 33% dos que trabalham entre budistas sua igreja é muito boa, mas não serve como seu modelo no campo. Uns 66% dos que trabalham entre hindus preferem experimentar novos modelos de igreja (33% deles admiram a suas igrejas, mas não crêem que sirvam de modelo no seu campo de atuação).
- **Estrutura de envio**. A porcentagem é equilibrada (39%) entre os que têm sido enviados por igrejas e os que têm sido enviados por agências—eles coincidem no fato que vieram de boas igrejas adaptadas a seu contexto, mas que não lhes servem como modelo no campo missionário.
- **Idade**. Os que estão mais dispostos a experimentar novos modelos de igrejas são aqueles com mais idade. Os obreiros com mais de 55 anos (59%), os entre 46-55 anos (43%), os entre 36 e 45 anos (46%) e aqueles entre 25 e 35 anos (43%) estão nesse grupo.

Para a grande maioria (85%) dos obreiros, a maneira de ajudar as suas igrejas a envolver-se na missão é por intermédio do diálogo com seus líderes e colocar-se a disposição deles em suas necessidades de ministério.

G. Grupos de intercessão

Uns 50.5% dos obreiros em geral relatam que não contam com um grupo de intercessão em sua igreja de origem, a pesar de saber que sua igreja ora por eles. Uns 33.5% tem um grupo de intercessão específico para seu ministério transcultural em sua própria igreja enquanto que uns 7.5% o tem fora de sua igreja. Outro 6% relatam que a pesar de não ter um grupo de intercessão organizado sabe que há indivíduos que oram por ele.

- **Mega esfera**. O grupo que tem mais intercessores dentro de suas igrejas (44%) e fora (22%) som os que trabalham entre **budistas**. Esse último índice é o triplo dos demais grupos (em média de 7.5% de intercessores fora de sua igreja).

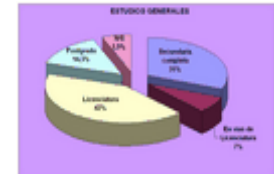
Capítulo 2
Capacitação

Qualquer ministério cristão, de igual modo que qualquer profissão, exige um treinamento específico e em muitos casos rigoroso para garantir um mínimo de eficiência em seu exercício. Tem sido nosso costume de enfatizar a preparação bíblico-teológica a expensas de outros tipos de preparação como, por exemplo, lingüística e aprendizagem de idiomas, missiologia, princípios de desenvolvimento comunitário, etc. Sem embargo, quando examinamos a formação específica de nossos missionário, encontramos um grande déficit de preparação para a classe de desafios que apresentam os ministérios transculturais, em especial enquanto a missiologia.

A. Capacitação prévia

Nesta seção, temos dividido os estudos em cinco grupos: formais o seculares, bíblico-teológicos, missiológicos, antropológicos e práticos.

ESTUDOS FORMAIS OU SECULARES

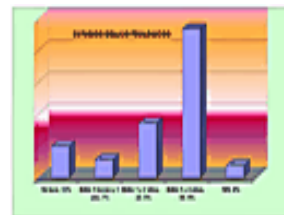
Uns 31% dos entrevistados tem o **nível médio** completa. No nível **superior** se encontra uns 49% dos obreiros (42% completo e 7% incompleto) e uns 14.5% tem **pós-graduação**. Uns 5.5% não soube informar.

- **Grupo teológico**. Uns 47.5% dos tradicionais, 46.5% dos interdenominacionais, 43% dos independentes e 32% dos pentecostais tem o **nível médio**. Somados com os que estão em vias de completá-lo, estas porcentagens sobem para 52% para os tradicionais, 53.5% para os interdenominacionais, 49% para os independentes, 41% para os pentecostais e 20% para os do grupo teológico não declarado. O grupo que tem índices mais altos de **pós-graduação** som os tradicionais com uns 27%; os demais

apresentam uns 12.5% para os interdenominacionais, 11.5% para os independentes, 10% para os do grupo teológico não declarado e 8% para os pentecostais.

- **Tipo de trabalho**. Os que trabalham com tradução têm a porcentagem mais alta (57%) entre os que têm uma **nível médio** (a média dos demais é de 38.5%); a exceção som os que no tem declarado seu tipo de trabalho (50%). Por outro lado, o grupo que conta com más obreiros capacitados ao nível de **pós-graduação** som os que atuam na capacitação de líderes (20%) em contraste com os demais (em média de 14%; a exceção som os que não têm declarado seu tipo de trabalho: 9%).
- **Gênero**. A mulher tem mais formação de **nível médio** que os homens (45% e 38%, respectivamente), enquanto que os homens têm mais **pós-graduação** que as mulheres (18% e 11%, respectivamente).
- **Mega esfera**. Por ordem decrescente, as porcentagens para os que têm um **nível médio** som os que trabalham entre hindus e tribos (46%), muçulmanos (45%), na Europa (38%), nas Américas e entre budistas (22%); não declarado (38%). Pela mesma ordem, para o nível de **pós-graduação**: budistas (22%), na Europa (17%), muçulmanos (16%), tribos (13%), hindus (11%); não declarado (18%).

ESTUDOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS

Em geral, uma alta porcentagem tem tido estudos bíblico-teológicos formais entre 3 e 4 anos (56.5%) e outros 20.5% tem tido entre 1 e 2 anos.

Para os que têm tomado entre 3 e 4 anos de estudos bíblico-teológicos, os detalhes som os seguintes:

- **Idade**. Uns 40% para os de idade compreendida entre 25 e 35 anos; 58% para os de idade entre 36 e 45 anos; 63% para os de idade entre 46 e 55 anos; 73% para os de mais de 55 anos de idade.
- **Grupo teológico**. Neste grupo estão os tradicionais (68%), pentecostais (56%), interdenominacionais (53%), os do grupo teológico não declarado (50%) e os independentes (49%). Entre os poucos que não tiveram estudos bíblico-teológicos estão os do grupo teológico desconhecido (40%), os independentes (18%), os interdenominacionais (13%) os tradicionais (10%) e os pentecostais (6%).
- **Trabalho de campo**. Por ordem decrescente, encontramos os que se dedicam a capacitação de líderes (74%), estabelecimento de igrejas (58%), tradução bíblica (50%), desenvolvimento comunitário e outros ministérios não

especificados (50%). Uns 50% dos que trabalham com tradução tem tomado entre 3 e 4 anos de estudos bíblico-teológicos e outros 29% tomaram de 1 a 2 anos de estudos, porem 21% deles (a porcentagem mais alta entre todos os grupos por tipo de trabalho) relatam não terem feito nenhum tipo de estudos bíblico-teológicos.

- **Mega esferas**. Por ordem decrescente, os que têm tomado entre 3 e 4 anos de estudos bíblico-teológicos foram: não declarados, tribos e Europa (65%), hindus (61%), muçulmanos (49%), Américas (44%).

ESTUDOS DE MISSIOLOGIA

Uns 52% do total responde ter tomado mais de um ano de estudos de missiologia. Se juntarmos com aqueles que relatam ter tomado entre 9 meses e 1 ano de estudos, teremos um total de 66%. (Uns 14% não souberam informar.) Sem falar que, são muito poucos os centros de capacitação que oferecem cursos de missiologia por mais de 1 ano. Pode ser que alguns obreiros tenham confundido estudos bíblicos oferecidos para missionários com estudos de missiologia.

- **Tempo de serviço**. Se compararmos as porcentagens dos que tem tomado cursos missiológicos por 9 meses ou mais com os que têm tomado menos de 3 meses (incluídos nesse grupo os que não souberam informar), obteremos o seguinte:

Tempo de serviço/ duração de cursos	0-3 meses	3-9 meses	9 meses ou mais
<2 anos de campo	15%	13%	72%
2-5 anos de campo	18%	14%	68%
5-10 anos de campo	17%	13%	70%
>10 anos de campo	28%	17%	55%

Estes dados indicam que uma porcentagem significativa de obreiros necessita de uma reciclagem urgente, levando em conta que a disciplina conhecida como missiologia apenas recentemente tem sido incorporada aos currículos de nossos centros de capacitação (escolas de missões, institutos bíblicos e seminários teológicos). Estamos

falando de um terço ou quase a metade dos obreiros (para o grupo com mais tempo de serviço) que necessita de uma reciclagem missiológica.

ESTUDOS DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS/IDIOMAS

Para muitos obreiros, a necessidade de aprender por meio de um novo idioma é fundamental para seu trabalho. Os que trabalham em tradução normalmente tomam um curso de "aprendizagem de línguas" que não é o mesmo que aprender um idioma específico como ele é, se não a teoria por detrás do aprendizado. O questionário não fez distinção entre as duas coisas.

- Idade. Os que indicaram não terem tomado nenhum curso ou não souberam informar alcançando as seguintes porcentagem:

Idade	Porcentagens
< 25 amos	75
25-35 anos	42
36-45 anos	41
46-55 anos	50
> 55 anos	52

- **Mega Esfera**. Se olharmos ao grupo étnico ou esfera do mundo onde trabalham, as porcentagens para os que **não** tomaram nenhum curso ou não o sabem informar foram os seguintes: budistas (33%), muçulmanos (37%), hindus (40%), tribos (43%), outros grupos (44%), Europa (50%), Américas (66%).

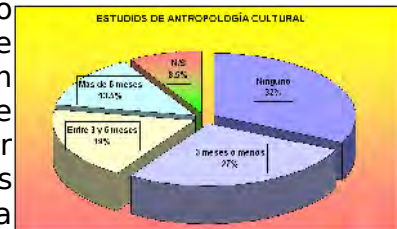
Em parte, se pode explicar os coeficientes negativos relativos aos que trabalham na Europa e Américas, se é que não trabalham em grupos étnicos de

língua distinta. Mas as demais mega esferas normalmente exigirão um esforço de aprendizagem lingüístico por parte do obreiro ibero-americano.

Um dado positivo é que uns 67% dos que trabalham entre os budistas relatam ter tomado mais de 6 meses de aprendizagem de línguas.

- **Tipo de Trabalho**. Uns 21% dos que trabalham na **Tradução** declaram não ter tomado nenhum curso de aprendizagem de línguas/idiomas; para os demais, os índices negativos apresentam o seguinte quadro: capacitação de líderes (39%), desenvolvimento comunitário (38%), estabelecimento de igrejas (33%) e outro/não especificado (45%).

ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA CULTURAL

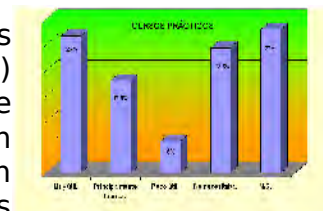
Compreender os costumes do grupo étnico ao qual a pessoa intenta servir é outro dos requisitos normalmente requerido do missionário. Ainda que não tenha curso de Antropologia cultural (ou antropologia “social”, como o chamam os europeus) na maioria dos centros de capacitação ibero-americanos, uns poucos oferecem algumas classes sobre o tema. Por essa razão, surpreende que uns 59% de todos os obreiros entrevistados afirma ter tomado cursos de antropologia (uns 13.55% deles por mais de 6 meses), sem embargo, uns 40% não tem tomado nada

ou não o souberam informar. Se somarmos todos os que tiveram cursos de antropologia por mais de 3 meses, teremos uma porcentagem de só 32.5%.

Quem sabe a explicação para isso seja o ato de que ha pessoas que confundem missiologia com antropologia (certamente a segunda é parte integral da primeira). Essa é uma razão a mais para que a capacitação de nossos obreiros seja mais solidamente definida e mais amplamente brindada. A complexidade da tarefa evangelística entre as mega esferas nitidamente distintas ao mundo ibero-americano faça com que os dados relativos a esse tipo de capacitação mereçam um cuidado especial em nossos análise.

- **Mega Esfera**. As porcentagens verificadas entre os que relatam terem tomado menos de 3 meses de estudos de antropologia são: tribos (44%), muçulmanos (31%), Europa (25%), América (20%), hindus (11%) y outros (18%). Se somarmos os que relataram não terem tomado nenhum curso nessa matéria com os que não o souberam informar, os índices são: budistas (66%), Américas (58%), Europa (45%), hindus (43%), muçulmanos (36%), tribos (24%) e outros (44%).
- **Tipo de trabalho**. Para os que tomaram menos de 3 meses de **antropologia**, os índices são: capacitação de líderes (29%), desenvolvimento comunitário (31%), estabelecimento de igrejas (24%), tradução (71%) e outro (25%). Para os que relatam não terem tomado nenhum curso de antropologia somado com os que não o souberam informar, os índices são: desenvolvimento comunitário

(43%), capacitação de líderes (40%), estabelecimento de igrejas (39%), tradução (7%) e outros (51%).

CURSOS PRÁTICOS

Os obreiros avaliaram os cursos práticos que são oferecidos ("mecânica, agricultura, cuidado da saúde, eletricidade, etc.") como muito úteis (26%), principalmente teóricos (17.5%) e pouco úteis (6%). Uns 23.5% relatam que não necessitavam tomar cursos práticos enquanto que uns 27% não souberam informar. Se somarmos os dois últimos grupos, teremos uns 50,5% dos obreiros.

- **Gênero**. Os homens são o dobro das mulheres dizendo que "não o necessitava" (33% versus 15%). O mesmo ocorre entre os casados (28%) e solteiros (15%).
- **Idade**. A resposta "não necessitava" caracteriza a quase a metade dos maiores de 55 anos (48%). Os demais grupos de idade relatam "muito úteis" para 30% entre 25-35 anos, uns 26% entre 36-45 anos e 27% entre 46-55 anos de idade.
- **Mega esfera**. "Muitos úteis" é a resposta dada por uns 44% dos que trabalham entre tribos, uns 36% entre hindus e uns 29% entre budistas. A

menor apresentação comparativa é para os que trabalham na Europa (13%) e Américas (17%). Uns 29% dos que trabalham entre grupos não especificados elegeram a opção "muito úteis".

- **Tipo de trabalho**. "Muito úteis", foi a resposta de 43% que atrapalham na tradução e 30% no desenvolvimento comunitário, enquanto que ouve em média de 24% para os que trabalham na capacitação de líderes e estabelecimento de igrejas. Sem embargo, a média de pessoas que não souberam informar é de 28%.
-

B. Aprovação e apoio para a capacitação

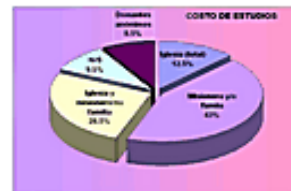
Quem sabe, em parte como um reflexo do individualismo dos obreiros na eleição de seu campo e ministério de trabalho transcultural, ouve uma relutância por parte das igrejas de apoiar a capacitação de seus membros que se lançaram ao trabalho missionário. Por outro lado, pode ser que não estejamos acostumados a investir nos obreiros se não até depois que cheguem a seu campo de trabalho. Normalmente as igreja não investem muito na capacitação de seus obreiros antes de sua saída ao campo ou na reciclagem deles depois que voltaram a seu campo transcultural. É difícil reciclar aos obreiros no próprio país de origem porque muitas igrejas entendem que o

missionário tem que estar no campo para merecer seu respaldo financeiro. Daí que alguns centros de capacitação, algumas vezes em consenso com as agências missionárias, tenham começado a oferecer cursos intensivos de reciclagem em países como Espanha, que está no meio do caminho entre a igreja e o campo para muitos obreiros.

APROVAÇÃO E APOIO DA IGREJA

Em linhas gerais, uns 38% dos obreiros relatam que seu plano de capacitação, mas não tiveram apoio financeiro para realizá-lo. Só uns 35% receberam aprovação e ajuda financeira para seu período de capacitação. Os que foram desaprovados por suas igrejas e/ou não souberam informá-lo somam uns 24%. (Sem embargo uns 2.5% relataram que sua igreja inicialmente desaprova seu plano de capacitação, mas logo lhe ajudou financeiramente.)

Custos

Enquanto aos custos dos estudos, uns 43% relatam que foram que as despesas foram cobertas pela própria pessoa e/ou sua família, enquanto que 26.5% informam que suas despesas foram cobertas em parte por sua igreja e em parte por sua família. Só uns 12.5% afirma que suas despesas foram cobertas totalmente por sua igreja. Não souberam informar uns 9.5%. Doadores anônimos cobriram os custos de uns 8.5% dos obreiros. .

Capítulo 3
Envio

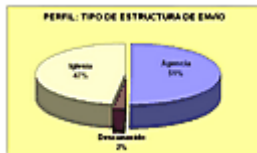
O envio dos obreiros se faz por distintas formas. Uns são enviados por suas igrejas (locais ou denominações), outros por agências/juntas missionárias; um terceiro grupo sai por sua própria conta. AS agência normalmente são independentes, no sentido de que não relatam a nenhuma igreja ou denominação. As juntas missionárias são departamentos de igrejas ou denominações encarregadas de seus projetos missionários e de quem dependem para seu sustento e estratégia de trabalho. Os obreiros que saem por sua conta (ou que por alguma razão se desconectam de suas estruturas enviadoras depois de chegarem ao campo) normalmente não relatam a ninguém sobre suas atividades.

Nesta seção tratamos os seguintes assuntos: relação entre obreiros e agencias ou juntas missionárias, eleição do campo e trabalho, planificação e supervisão de campo.

A. Relação entre obreiros e agência /juntas missionárias

A relação entre o obreiro e sua estrutura enviadora é às vezes ambígua, no sentido de que em muitos casos não há uma informação precisa de que assumiu a responsabilidade por haver lhe enviado ao seu campo de atuação.

QUEM ENVIA

A maioria dos obreiros relata terem sido enviados como resultado de uma decisão compartilhada entre a igreja e agência/junta missionária (43.5%). Os que afirmam terem sido enviados pela sua igreja local são uns 34.5%. Só uns 13% dizem terem sido enviados por agência/junta missionária. Os independentes representam uns 4% que, somados com os que não puderam informa (5%), alcançam uns 9% dotal.

Sem embargo, há uma discrepância com o perfil informado pelos obreiros mesmo antes de chegar o questionário. O perfil, uns 51% afirmava que tinha sido enviado por uma agência/junta missionária, uns 47% por uma igreja/denominação; e 2% não souberam dizer.

B. Eleição do campo e trabalho

A eleição do campo e tipo de trabalho tem uma profunda relação entre as necessidades do obreiro e o apoio que recebe da parte dos que participarão em suas decisões estratégicas.

Uns 56% dos obreiros fizeram a eleição do campo por sua própria conta ou de acordo com sua família. Só uns 36.5% deles tomaram sua decisão com a participação de suas igrejas e agência/junta missionárias. Os demais não souberam informar.

- Estado civil. Os casados (59%) têm sido mais individualistas que os solteiros (48%) em tornar essa decisão.

- Mega esferas. Os que trabalham entre budistas fizeram uma decisão individual em uns 78% dos casos, seguidos pelos que trabalham entre os hindus (64%), os muçulmanos (57%), entre grupos não especificados (53%), os que trabalham na Europa (51%) e os que ministram entre tribos (51%).

- Idade. Os de 35-45 anos são os mais individualistas (61%), seguidos pelos de idade entre 36-45 anos (58%) e 46-55 anos (51%). O grupo menos individualista, por assim dizer, são os de mais idade, por cima dos 55 anos (48%), porém com pouca margem de diferença comparados com os demais.

- Grupo teológico. Os grupos mais individualistas em tomar essa decisão têm sido os pentecostais (65%), os interdenominacionais e os tradicionais (ambos com uns 52%).

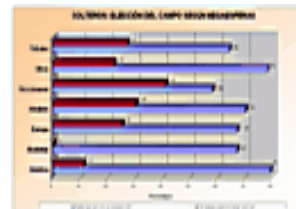
- Tipo de trabalho. Os tradutores foram o grupo que mais tomou a sua decisão em diálogo com os líderes de sua igreja e sua agência (57%). Este é um índice muito mais alto que os demais: estabelecimento de igrejas (30%), desenvolvimento comunitário (25%) e estabelecimento de igrejas (23%); os que não têm especificado seu tipo de trabalho relatam uns 22%.

Por outra lado, 2/3 dos solteiros informam que a eleição de seu campo missionário nada teve a ver com seu estado civil. Em contra partida, pouco menos de 1/3 afirma que se tomou em conta essa

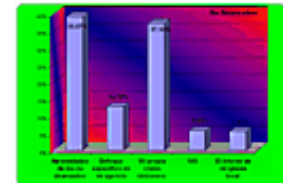
condição, sobretudo em que já havia uma equipe estabelecida no campo. Só uma minoria (4%) relata que não foi ao lugar de onde sentia o chamado por causa do seu estado civil.

- **Gênero.** Os 63% das mulheres solteiras e uns 71% dos homens solteiros afirmam que a seleção de seu campo missionário nada teve a ver com seu estado civil.

- **Mega esfera.** Em média de 78% dos solteiros que trabalham nas Américas e em áreas não especificadas elegeram seu campo sem levar em conta seu estado civil. Seguem 70% dos solteiros em contexto hindus, 67% entre budistas e Europa, 64% entre povos tribais e 58% dos que trabalham entre muçulmanos.

- **Tipo de trabalho.** Uns 100% dos solteiros que trabalham na tradução, 74 dos que trabalham em capacitação de líderes, 68% dos que não indicaram seu tipo de trabalho, 64% dos que se dedicam ao estabelecimento de igreja e 45% dos que estão envolvidos em desenvolvimento comunitário indicam que sua eleição não teve nada a ver com seu estado civil. Os solteiros que se preocuparam em que já havia uma equipe atuando no campo foram 45% dos que se dedicam ao desenvolvimento comunitário, 34% dos que estão envolvidos em estabelecimento de igreja, 27% dos que não tem especificado seu tipo de trabalho e 16R dos que se ocupam da capacitação de líderes.

- Tempo de serviço. Dos que não tomaram em conta seu estado de solteiro, os 52% tem menos de 2 anos de serviço; 66% tem entre 2-5 anos; 60% de 5-10 anos; e 79% mais de 10 anos de campo. Dos que não foram a seu campo de eleição por ser solteiro, os 2% tem entre 2-5 anos de serviço; 5% tem entre 5-10 anos e 7% mais de 10 anos de atuação.

Necessidades dos não alcançados

Em geral, as necessidades dos grupos não alcançados (o menos alcançados) foi um fator decisivo para eleger o campo de trabalho só para uns 39% dos obreiros, enquanto que uns 37 deles basearam sua decisão na sua própria visão missionária.

- **Mega Esfera**. Os obreiros entre budistas foram o grupo que mais tomou em consideração as necessidades dos não alcançados (67%), seguidos pelos obreiros que trabalham entre hindus (46%), tribos e muçulmanos (44%), na Europa (24%) e Américas (29%). Os que trabalham entre grupos não especificados relataram uns 34%.

- **Tipo de trabalho**. Os que trabalham em desenvolvimento comunitário (45%) e em estabelecimento de igrejas (43%) são os que mais tem tomado em conta essas

necessidades. Seguem-lhes os que trabalham com capacitação de líderes (37%) e tradução (29%). Os que não especificaram seu ministério alcançaram uns 27%.

Eleição do tipo de trabalho

Os tipos de ministérios transculturais foram divididos em cinco grupos: estabelecimento ("plantação") de igrejas, capacitação de líderes, desenvolvimento comunitário, tradução e outros. Os totais informados pelos obreiros em seu perfil foram: estabelecimento de igrejas (48%), capacitação de líderes (19.5%), outros (15.5%), desenvolvimento comunitário (14%) e tradução (3.%).

A eleição do tipo de trabalho foi uma decisão individualizada para uns 67.5% dos obreiros. Os que relatam que esta decisão foi feita por sua agência são uns 8.5%; por sua igreja uns 3%; os que relatam que foi uma decisão compartilhada entre igreja e agência alcançaram uns 9.5%%.

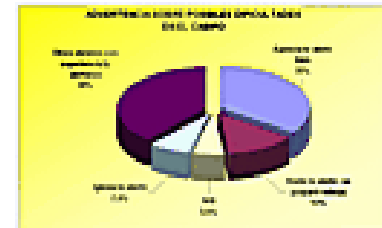
- **Tipo de trabalho**. Os tradutores são os mais individualistas nessa decisão (93%), seguidos pelos que trabalham com capacitação de líderes (71%), estabelecimento de igreja (69%) e desenvolvimento comunitário (66%). Os que tem trabalho de campo não especificados relataram uns 68%.

(Compara-se a atitude dos tradutores em decidir seu tipo de trabalho com sua eleição do campo. O contraste é sugestivo: uns 93% individualistas para a primeira decisão versus uns 57% consensual para a segunda.)

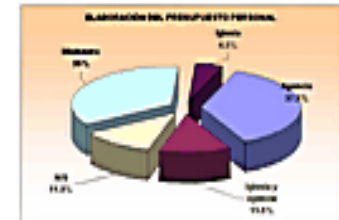
C. Planificação para o campo

Nesta parte, tratamos de três assuntos: antecipação de dificuldades e emergências, pressupostas (individual e ministerial) e detalhes do sustento financeiro dos obreiros.

ANTECIPAÇÃO DE DIFICULDADES E EMERGÊNCIAS

Uns 35% dos obreiros foram alertados por sua agência/junta missionária sobre possíveis dificuldades no campo, enquanto que para uns 38% dos entrevistados foram outros obreiros com experiência de campo quem desempenharam esse papel. A igreja dos obreiros cumpriram com essa função apenas em uns 7.5% do total enquanto que 13% dos obreiros tomaram suas próprias precauções.

A implantação de possíveis emergências foi feita pelas igrejas e agências/juntas missionárias em 23.5% e pelo próprio missionário em 22% dos casos. Não se fizeram acertos para possíveis situações de emergência em uns 20.5% dos casos enquanto que uns 12% por um consorcio entre igreja e agência fizeram acertos de diversas índoles, mas não para possíveis emergências; uns 22% dos obreiros não souberam informar. Se somarmos os três últimos dados, mais da metade (54.5%) dos obreiros não tem provisão para situações de emergência no campo.

Orçamento

E quanto ao orçamento pessoal (incluindo a família para os casados), uns 37.5% foram calculado pela agência/junta missionária e uns 35% pelo próprio missionário. A participação da igreja nesse cálculo foi de uns 16% (11.5% em conjunto com a agência e 4.5% por si mesma). O 11.5% não souberam informar

O orçamento ministerial (gastos de projetos/ministérios); exclui o orçamento pessoal pelo missionário em 34.5% dos casos, por sua agência/junta missionária (19.%), por sua igreja (3%) e por um consórcio entre igreja e agência (12%). Uns 31% não souberam informar.

SUSTENTO FINANCEIRO

Os fundos necessários para o sustento dos obreiros, segundo suas informações, provem das igrejas em uns 65.5% dos casos, assim distribuídos:

menos da metade	**30.0%**
cobertura total	**18.5%**
mais da metade	**17.0%**

Alem disso, uns 19.5% relatarem que seus familiares e amigos tem se comprometido com suas necessidades enquanto que uns 15% dos obreiros não o souberam informar

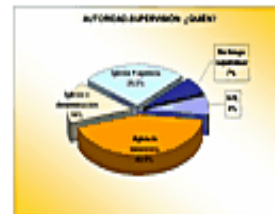
O levantar e canalizar os fundos necessários para seu sustento pessoal é **responsabilidade** do próprio obreiro em 53% dos casos, seguido da agência em consorcio com a igreja (20.5%), a igreja somente (10%) e a agência somente (8%). Uns 8.5% não souberam informar.

Comparando quem elabora os orçamentos com quem tem a responsabilidade de levantar as finanças, as diferenças são notáveis. O missionário elabora uns 35% do orçamentos familiares e ministeriais, mas tem 53% da responsabilidade de buscá-lo. As igrejas somente são responsáveis de levantar 1/3 das finanças, apesar de comprometer-se em prover 2/3 delas.

Conclusão: O modelo financeiro mais comum é “a missão de fé”. Tem poucas missões puramente denominacionais.

E. Supervisão de campo

Nesta seção, tratamos dos assuntos principais: as líneas de autoridade e especialistas de campo. Os dois assuntos estão entrelaçados, uma vez que o obreiro normalmente espera de seus supervisores a assistência que necessita enquanto a suas atividades e problemas de campo.

Uns 42.5% dos obreiros relatam que sua agência/junta missionária é sua supervisora de campo. A igreja participa na supervisão dos obreiros em consorcio com as agências em 26.5% dos casos e somente em 16% deles. Uns 7% não tem supervisão de campo enquanto que outros 8% não o souberam informar.

Isto pode significar que tem uns 15% de obreiros que não tem a quem responder por seu trabalho de campo. Isto complica a informação do perfil, segundo o qual apenas uns 2.5% dos obreiros informavam não ter sido enviados por agência ou igreja. Por outro lado, uma supervisão compartilhada entre igreja e agência pode gerar conflitos sobe a responsabilidades e deveres, tanto em situações de emergência como na assistência regular ao obreiro no campo e no seu regresso.

Este é um quadro bastante complexo:

Supervisor (a)	**Enviado pela igreja**	**Enviado pela agência**	**Estrutura não especificada**
Igreja	**29%**	**4%**	**25%**
Agência	**24%**	**60%**	**38%**
Igreja + agência	**28%**	**26%**	**13%**
Não tem supervisor	**9%**	**6%**	**0%**
Não o soube informar	**10%**	**5%**	**25%**

Há bastante diversidade também por mega esferas: (porcentagens)

	Igreja	Agência	Igreja + Agência	Sem supervisão	Não o souberam informar
Américas	16	43	22	12	7
Budistas	33	22	11	11	22
Europa	17	31	31	10	12
Hindus	29	46	18	4	4
Muçulmanos	10	45	32	6	8
Tribais	31	39	24	2	4
Outros	9	59	13	9	9

- **Tipo de trabalho.** Dos que trabalham com a **tradução**, uns 46% relatam a agências, os 14% a igrejas, uns 7% relatam em consórcio a igrejas e agências, enquanto que uns 14% indicam que não tem supervisão. Uns 45% dos que trabalham na **capacitação de líderes** e **desenvolvimento comunitário** relatam a agências, além de uns 9% e 13% a igrejas e outros 26% e 29% a consórcios de igrejas e agências, respectivamente. Dos que trabalham com **estabelecimento** (**implantação**) **de igrejas**, uns 39% é

supervisionado por agências, outro 19% por igrejas, uns 30% por um consórcio entre igrejas e agências, enquanto que uns 7% não tem supervisão e uns 5% não souberam informar.

ESPECIALISTAS DE CAMPO

Uns 28.5% dos obreiros que suas agências têm bons supervisores (especialistas) de campo. Os 30%, lamentavelmente, indicam que os especialistas, ainda são bons, estão muito longe como para prover assistência de acordo as necessidades. Os 12% indicam que suas agências não tem especialistas, enquanto que os 5.5% indicam que seus especialistas não entendem seus problemas de campo. Uns 24% não souberam informar.

Capítulo 4
Trabalho de campo

A base de tudo que ocorre no campo esta nas etapas anteriores, começando pelo chamado dentro das igrejas a que pertencem os obreiros. Os temas e os assuntos estão entrelaçados, daí que é necessário ter comparações entre os índices de todas as partes entre si.

Neste capítulo trataremos os seguinte assuntos principais, escolhidos entre as perguntas do questionário: disciplina espiritual, prestações (benefícios para os obreiros), trabalho e descanso, solteiros, a mulher, êxito e fracasso e relações interpessoais.

A. Disciplina espiritual

Este tema tão importante e vital para a vida do missionário, e por onde o ministério que desenvolve foi investigado sob duas perspectivas que a continuação e detalhada.

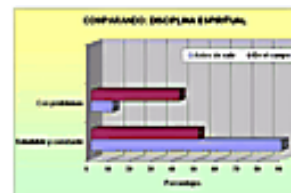
A disciplina espiritual começa muito antes que o obreiro chegue ao campo. A experiência do obreiro em sua igreja de origem assenta as bases para sua disciplina espiritual por toda vida. O questionário abortou esta assunto em dois momentos: **antes** de sair e **depois** de chegar ao campo.

ANTES DE SAIR AO CAMPO

Os entrevistados relatam que os 89% tinha uma disciplina espiritual constante, dos quais os 20% disseram terem tido fortemente no princípio e outros 69% aprenderam a mantê-la. Em contraste, uns 6% informa que para eles foi difícil mantê-la e uns 3% não conseguiram se estabelecer neste aspecto. 1% não souberam informar. Se somarmos estes três últimas porcentagens se pode dizer que os 10% tiveram problemas em manter uma disciplina espiritual estável e constante.

DEPOIS DE CHEGAR AO CAMPO

Os obreiros informam que 50% tem uma disciplina instável ou sonham em mantê-la, dos quais 10% tiveram problemas no principio do seu ministério, mas depois conseguiram superá-los. Em contraste, uns 36% disseram ter altos e baixos, 4% são deficientes, e se preocupa com a situação e 1% não souberam informar. A soma destes três últimos dados reflete que os 41% dos obreiros no campo tem problemas sérios no aspecto de manter uma disciplina espiritual instável.

O seguinte quadro comparativo é preocupante e necessita de ser analisando com atenção para que se encontrem maneiras de ajudar ao obreiro a fortalecer sua disciplina espiritual durante toda sua vida.

Vejamos mais detalhes:

Disciplina espiritual	Antes de sair ao campo	Depois de chegar ao campo
Constante	**89%**	**50%**
Deficiente	**10%**	**41%**

- **Tempo de serviço.** O quadro se complica quando se observa que os 37 dos que confessam debilidades nesta área tem menos de dois anos de campo; 40% de 2 a 5 a 10 anos; e 31% mais de 10 anos. Dos que manifestam ter uma disciplina espiritual deficiente, entramos que 7% tem menos de 2 anos, 3% entre 2-5 anos, e 5% mais de 5 anos de serviço.

- **Tipo de trabalho:** Em forma geral, dos que tem problemas em sua disciplina espiritual, os 64% se dedicam a tradução, 46% ao desenvolvimento comunitário, 42% a outros ministérios, 40% ao estabelecimento de igrejas e 36% à capacitação de líderes.

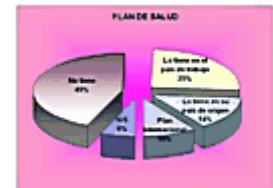
- **Gênero.** Os homens apresentam um índice de 43% e as mulheres uns 39% para os que tem problemas de disciplina espiritual.

- Estado civil. As distinções por estado civil são irrelevantes: 41% dos casados e 41.5% dos solteiros responderam ter dificuldades em manter uma disciplina espiritual instável.

B. Prestações ou benefícios para os obreiros

Recordando o que a Palavra mesma disse: “Que todo obreiro é digno de seu salário” e para que um obreiro renda efetivamente no campo necessite pelo menos desfrutara de no mínimo dos benefícios ministeriais.

PLANO DE SAÚDE

Neste aspecto, os 25% informaram que tem um plano de saúde pago em seu país que ministram, uns 10% têm um plano de saúde pago internacionalmente. Outros 14% relatam tê-lo, porém pago em seu país

de origem, enquanto que uns 45% não tem um plano de saúde em nenhum lugar. Uns 6% não souberam informar

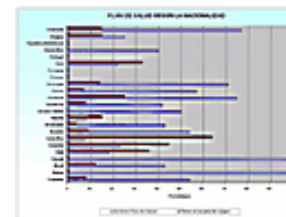
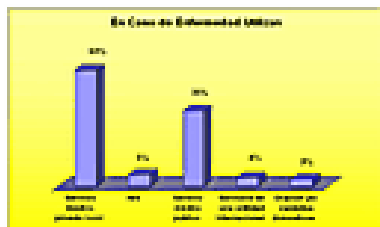
Se os 45% dos que não tem plano de saúde se agregar os 14% que manifestaram tê-lo em seu país de origem – situação que normalmente não é favorável para o campo em que ministram – a somatória sobe para 59%. Se acrescentar os que não souberam informar o índice chega aos 65%.

- **Gênero.** Os 55% dos que não contam com um plano de saúde são casados e uns 66% solteiros. Se unidos aos que não contestaram a pergunta, o total alcançaria a 62% de casados e 70% dos solteiros.

- **Mega esfera.** Veja a tabela seguinte:

Mega esfera	Não tem plano de saúde	Tem um plano em seu país de origem	Não soube informar	Total
Américas	**41%**	**7%**	**7%**	**55%**
Budistas	**66%**	**--**	**11%**	**77%**
Europa	**34%**	**7%**	**3%**	**44%**

Hindus	**61%**	**7%**	**4%**	**72%**
Muçulmanos	**49%**	**18%**	**7%**	**74%**
Tribais	**33%**	**26%**	**12%**	**71%**
Outros	**39%**	**9%**	**6%**	**54%**

- Nacionalidade. Na ordem decrescente, os dez países de onde provem os entrevistados que não contam com um plano de saúde são: Bolívia, Canadá, Venezuela, Honduras, Nicarágua, México, Equador, Argentina e Estados Unidos. De igual modo, os dez países de onde provem os obreiros que tem um plano de saúde em seus países são: Costa Rica, Colômbia, Chile, Peru, Honduras, Espanha, Uruguai, Venezuela, Nicarágua e Brasil.

Perguntou-se aos obreiros onde eles recorrem em caso de enfermidade ou problemas de saúde enquanto estão no campo. Uns 53% buscam um serviço médico privado (no campo) e pagam por ele; 35% recorrem ao serviço médico público local; 4% utilizam os serviços de um programa internacional pago; uns 3% resolvem a situação com oração e cuidados domésticos. Uns 5% não souberam informar.

Os 10% dos obreiros entrevistados relatam ter um bom plano de aposentadoria; 12% têm, mas é muito limitado; 18% não tem, mas tem a esperança de que seja feito num futuro próximo; 29% não tem, nem suas agências lhes falam disso. Uns 32% não souberam informar.

Em função destes dados, se aos que não possuem plano de aposentadoria (29%) agregarmos os que esperam fazê-lo no futuro (18%), a realidade é que uns 47% estarão desatendido nessa área. Desde cedo, se os acrescentarmos os que não souberam informar, o índice sobe para uns 79%.

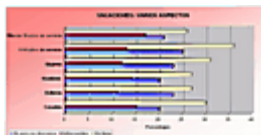
- **Gênero.** De uma forma geral, os 47% dos casados y 45% dos solteiros não contam com um plano de aposentadoria. Se acrescentarmos os que não souberam informar, o índice sobe para 77% dos casados e 81 dos solteiros.

- **Tempo de serviço.** Os 44,5% dos obreiros com mais de 10 anos de serviço não contam com um plano de aposentadoria. Se acrescentarmos os que não souberam informar, a cifra alcança a 71%.

FÉRIAS

Segundo a entrevista, 1/3 tira um bom tempo de férias anuais. Sem levar em conta, do total, 21% tira férias, mas não descansa o suficiente, 13% tem férias sem freqüência e 29% não tem férias. Uns 7% não souberam informar

- Dos que disseram que tiram férias sem descansar o suficiente, os 20% são casados e os 23% são solteiros. Assim mesmo, 20% são mulheres e 23% são homens. Do mesmo modo, os que têm de 5 a 10 anos de serviço representam 25% e os de mais de 10 anos de campo representam 21% do total.

- Dos que disseram tirar férias sem descansar o suficiente, 20% são casados e os 23% são **solteiros.** Assim mesmo, 20% são **mulheres** e 23% são **homens**. De igual maneira, os que tem 5ª 10 **anos de serviço.**

A seguinte tabela indica a situação dos que não gozam férias ou as que não tiram freqüentemente, baixo distintos critérios:

	Não tem férias	Férias infrequentes	Total
Homens	27%	14%	41%
Mulheres	31%	12%	43%
Casados	30%	15%	45%
Solteiros	27%	11%	38%
5-10 anos de serviço	36%	13%	49%
> 10 anos de serviço	26%	17%	43%

Cursos de “reciclagem” (atualização)

Um terço dos obreiros entrevistados dizem que tem recebido cursos de reciclagem, dos quais 12% os tem considerado bons, porém oferecidos por outras instituições, 20% são desenvolvidos de forma regular, e uns 3% afirmam que seus cursos não são efetivos. Por outro lado, uns 30% não tem recebido cursos de reforço no campo. Uns 34% não souberam informar. A soma das últimas porcentagens chega a 64%.

- **Tipo de trabalho.** O seguinte quadro dá detalhes da situação dos que não tem recebido cursos de reciclagem ou não souberam informar.

Tipo de trabalho	Não tem recebido curso	N/S	Total
Capacitação	17%	24%	41%
Desenvolvimento Comunitário	20%	30%	50%
Estabelecimento de igrejas	21%	36%	57%
Tradução	29%	14%	43%
Outros	17%	24%	41%

- Por tempo de Serviço: Dos que não tem cursos de reforço os 15% tem menos de 2 anos de serviço, 19% entre 2-5 anos de 5-10 anos e uns 2% mais de 10 anos de trabalho de campo. Se incluir os que n'ao puderam informar a porcentagem cai: 48% (menos de 2 anos); 47% (2-5 anos), 53% (5-10 anos) e 50% (mas de 10 anos).

Conferências de obreiros

Os 64% dos entrevistados relataram que suas agencias promovem conferencias de obreiros (2/3 de freqüência anual ou bianual e 1/3 de freqüência regular). Outros 21% informam que não tem conferencias (1/3 deles estão trabalhando de implementá-las). Uns 14.5% n’ao souberam informar.

C. Trabalho e descanso

Em forma geral, ‘e comum observar a missionários tão imersos nos seus ministérios que se esquecem muitas vezes de combinar seu trabalho com períodos regulares de descanso. Esta falha de disciplina no trabalho leva a muitos obreiros a experimentar esgotamento seja de nível leve, médio ou profundo. Como resultado, a própria pessoa, família e ministério se vê afetados.

Do total de entrevistados, os 22% relatam terem um horário regular de trabalho enquanto que uns 17% não tem. Uns 44% gozam de um dia de descanso semanal, mas uns 6% não o tem. Uns 10% dizem estar em constante atividade praticamente sem descanso.

Critérios diversos	Sem horário regular de trabalho	Sem dia de descanso semanal	Sempre Muito ocupado
Casados	**18%**	**7%**	**9%**
Solteiros	**13%**	**4%**	**13%**
Mulheres	**10%**	**4%**	**9%**
Homens	**31%**	**10%**	**13%**
5-10 anos de serviço	**19%**	**8%**	**9%**
> 10 anos de serviço	**13%**	**9%**	**17%**

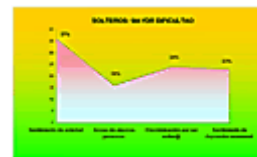
Uns 47% sofrem de esgotamento freqüentemente e n’ao se preocupa com isso; 22% sentia esgotamento no principio, mas tem aprendido a superá-lo; 20% sofrem de esgotamento freqüente e se preocupam com isso. Por outro lado, uns 7% dizem não terem experimentado esgotamento desde que chegaram ao campo. Uns 4% n’ao souberam informar.

- Os que tem esgotamento freqüentes representam os 17% dos casados e os 25% dos solteiros. As mulheres (25%) sofrem mais esgotamento que os homens (14%). Alem do mais, os 22% dos que relatam essa dificuldade tem mais de 5 anos no campo.

D. Solteiros

Como grupo especifico, mulheres e homens solteiros tem necessidades especificas, desenvolvem seus ministérios com relativa dificuldade em certos casos e muitas vezes são discriminados dentro e fora de suas agencias missionárias.

MAIOR DIFICULDADE

Os 37% dos entrevistados relatam que sua maior dificuldade tem sido o sentimento de solidão, acompanhada pela discriminação pelo seu estado civil (24%), depressão ocasional (23%) e o assedio sexual (16%).

Tempo de serviço. O sentimento maior ‘e o de solidão para 42% dos que tem ate 5 anos no campo. Para os que estão de 5 a 10 anos no campo, ‘e a depressão ocasional (31%), seguida da solidão (28%); para os que tem mais de 10 anos de serviço, a discriminação (39%) ‘e seguida da solidão (33%).

- Gênero. O sentimento que mais se manifesta entre os obreiros solteiros, tanto mulheres como homens, segue sendo a solidão, com um índice mais alto entre os homens (40%) que entre as mulheres (36%). Para as mulheres, vem em seguida a descriminação (24%), a depressão (23%) e o assedio (15%), enquanto que para os homens esse problema ocorrem em proporções iguais (20%).

- Estado civil. Uns 67% dos casados relata que a solidão ‘e seu sentimento negativo mais forte. Para os solteiros, a descriminação ocupa o segundo lugar (26%), seguido da depressão (23%) e o assédio (18%).

ACEITAÇÃO DA PARTE DOS NACIONAIS

Uns 47% relatam que tem algumas limitações em ocasiões especiais devido a seu estado civil; 43% não tiveram nenhuma dificuldade; os 8% tiveram que trabalhar duro para serem aceitos pelos locais; uns 2% ainda seguem trabalhando neste aspecto.

- **Gênero**. As mulheres (48%) dizem ter mais limitações que os homens (43%). Dos que relatam não tiveram nenhum problema de aceitação, os homens alcançam os 50% e as mulheres uns 41%.

- **Mega esfera.** O maior porcentagem dos que sofrem limitações em ocasiões especiais se encontram no mundo muçulmano (58%), seguido dos tribais (54%). Dos que não tiveram problemas, os 67% servem entre budistas, seguido dos 62.5% nas Américas.

- **Tempo de serviço**. Os que relatam terem mais limitações à causa de serem solteiros tem entre 5 e 10 anos de serviço (58%). Os 60% dos que tem mais de 10 anos no campo dizem não tiveram nenhuma dificuldade nesse sentido.

Com quem viver

Os 46% preferem viver com outras pessoas; para uns 32%, tanto faz. Uns 18% preferem viver só para evitar problemas com seus companheiros; uma porcentagem mínima (4%) se vê obrigado a viver só porque não encontram um companheiro de quarto.

- **Gênero**. A preferência maior entre as mulheres (49%) e viver com outras pessoas; para os homens (44%), tanto faz. A porcentagem dos que preferem viver só, entre ambos os sexos, e praticamente o mesmo: mulheres com 18% e homens com 17%.

- **Tempo de serviço**. Os 18% dos obreiros com menos de 2 e mais de 10 anos no campo prefere viver só.

Matrimônio

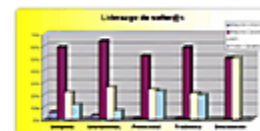
Uns 52% dos solteiros relatam que nunca se casariam com uma pessoa do local, seja ou não crente; em compensação, uns 40% indicam que se casariam com uma pessoa do local se isto beneficiasse a obra, ainda que esteja consciente dos riscos ao tomar uma decisão deste tipo. Outros 8% afirmam que essa classe de matrimonio e proibida em suas agencias.

- **Gênero**. Os 61% das mulheres manifestaram que não planejam casar-se com uma pessoa do local; em contra partida, uns 89% dos homens disse que se casariam, se isso beneficiasse a obra, opinião que e compartilhada por 31% das mulheres.

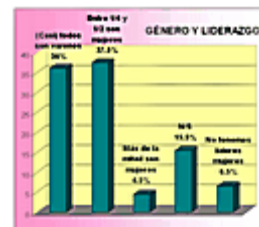
Liderança

De forma geral, os 72% dos entrevistados afirmam que a liderança das agencias/juntas missionárias e de pessoas casadas em sua maioria; os 14% afirmam que todos seus lideres são casados. Somente uns 3% manifestam que em suas agencias a maioria de seus lideres são solteiros. Os 25% restante não souberam informar

- **Estrutura de envio**. Os 76.5% das agencias preferem que sua liderança esteja casada, ao contrario de uns 3% em que a maioria e de solteiros. Uns 20.5% não souberam informar.

- **Grupo teológico**. Em índices descendentes, 23% dos pentecostais, 19.5% dos tradicionais, 12% dos independentes e 7% dos interdenominacionais manifestam que todos seus lideres são casados. Os índices para os obreiros que afirmam que todos seus lideres são solteiros são: independentes (6%), interdenominacionais (3%); em iguais proporções estão os pentecostais e tradicionais (1%).

E. A mulher

Quanto à participação da mulher na liderança das agencias missionárias, os 37%dos entrevistados indicam que entre 25% e 50% de seus lideres são mulheres.

A estes lhes somamos uns 4% que tem mais da metade dos lideres mulheres, em contraste com os 36% que dizem que todos ou quase todos seus lideres são varões. Uns 7% indicam que não tem liderança de suas agencias. Uns 16% não souberam informar.

F. Êxito e fracasso

Sentir que se tem alcançado os objetivos pelos quais se tem chegado ao campo e um fator muito importante para o bem estar do obreiro em todos os aspectos da sua vida pessoal e familiar, espiritual e ministerial.

Os 57% dos obreiros afirmam sentir-se exitosos em seu trabalho porque tem alcançado os objetivos propostos; outros 31% expressa não ter muito êxito, mas espera melhorar sua atuação. Por outra parte, só 1% se sente fracassado e deseja mudar de campo ou receber ajuda para suas necessidades. Os 10.5% não souberam informar.

A continuação vejamos mais detalhes dos que iniciam não ter muito êxito em seu ministério.

- **Tempo de serviço**. Os 26% tem menos de 2 anos; uns 41% tem entre 2-5 anos; uns 28% tem entre 5-10 anos; e uns 26% tem mais de 10 anos de ministério.

- **Tipo de trabalho**. Uns 38% se encontram desenvolvendo trabalho de desenvolvimento comunitário, os 32% em plantação de igrejas, uns 28% na capacitação de lideres, outro 28.5% na tradução e uns 27.5% em outros ministérios não específicos.

Dos que não souberam informar, os 17% tem menos de 2 anos de serviço; os 9% tem entre 2-10 anos e uns 11% tem mais de 10 anos no campo. Isto parece indicar que não sabem avaliar seu trabalho ou então que admitem seu fracasso.

Independentemente da sensação de êxito ou fracasso, uns 59% dos obreiros entrevistados projetam estar no campo por um longo tempo ainda; outros 24% planejam ficar por um curto tempo mais e logo ir-se a outro campo. Uns 5% deseja permanecer a curto prazo e logo regressar a casa. Só 1% pensa que seu tempo no campo já terminou e deve regressar a seu lugar de origem.

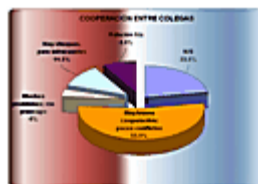
- **Tempo de serviço**. Dos obreiros que visualizam estar longo prazo no campo e confortável saber que os 65% tem entre 2-5 de serviço, 58% de 5-10 anos e uns 54% mais de 10 anos de serviço pensam que seu tempo já terminou, uns 2% menos de dois anos e 1% entre 2-10 anos.

- **Estado civil**. Os 60% dos casados e os 56% dos solteiros manifestam que desejam permanecer no campo por um longo tempo mais.

G. Relações interpessoais

As relações interpessoais fazem um papel preponderante na obra missionária, tanto para alcançar aos não alcançados como para optimizar os recursos humanos e financeiros que a igreja ibero-americana inverte na obra do Senhor.

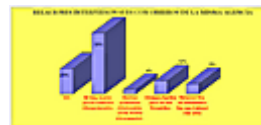
RELAÇÕES COM OBREIROS DA MESMA AGÊNCIA

Os 53% dos obreiros entrevistados informaram ter uma boa relação com poucos conflitos pessoais na agencia. Outros 25% manifestam ter problemas mais profundos, com a seguinte variação:

Detalhes dos que afrontam **problemas de relacionamentos** mais profundos:

- **Grupo teológico**. Os interdenominacionais e os de grupo teológico não declarado alcançam o mesmo índice (30%); 24% são pentecostais; 19% são tradicionais; 14% são independentes. Os 22.5% não souberam informar.

- **Tempo de serviço**. Os 31% tem mais de 10 anos de serviço; 25% tem entre 5-10 anos; 20% tem entre 2-5 anos; e 17.5% tem menos de 2 anos de ministério no campo. Uns 22.5% não souberam informar.

Conflitos fortes mas não freqüentes	**12%**
Relações Frias; tem que trabalhá-las	**9%**
Muitos problemas; obreiro preocupado	**4%**
N/S	**22%**

Cabe destacar que a porcentagem mais elevada dos que sentem que gozam de **boas relações** interpessoais em quanto ao grupo teológico são os **independentes**, com uns 64%. Em comparação, a media dos demais grupos é de 51%.

COOPERAÇÃO COM OBREIROS DE OUTRAS AGÊNCIAS IBERO-AMERICANAS

Os 65,5% relatam que tem uma boa reação com outras agencias ibero-americanas; os 22% dizem que, ainda que no seu lugar de serviço tenha agencias ibero-americanas, a cooperação não e muito boa. Os demais índices encontrados foram:

Não tem muita cooperação	**9%**
Há cooperação, mas a relação e fria e distante	**9%**
Não há cooperação	**4%**
N/S	**12.5%**

Mais detalhes deste último quadro:

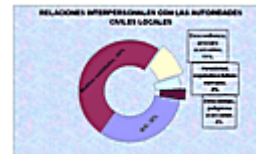
- **Mega esferas.** Os dados gerais refletem que os 26% atuam nas Américas; 24% entre tribais e grupos não específicos; 22% na Europa; 21% entre muçulmanos; 14.5% entre

hindus; 11% entre budistas. Se acrescentar os que não souberam informar, as porcentagens aumentam em 42.5% na Europa e entre hindus; a 42% nos grupos não específicos; a 37% nas Américas e entre tribais; a 36.5% entre grupos budistas; e a 21.5% entre muçulmanos.

- **Tempo de serviço.** De uma forma geral, os 25% tem mais de 10 anos de serviço; 22% entre 2-5 anos; 21% entre 5-10 anos; e uns 15% menos de 2 anos de trabalho.

Dos que indicam que suas relações com as demais agencias são boas, sobressaem os que ministram entre os hindus com uns 78.5%, seguidos dos que trabalham no mundo muçulmano (69,5%).

RELAÇÕES COM AUTORIDADES CIVIS LOCAIS

Enquanto as relações que os obreiros tem estabelecido com as autoridades civis locais, uns 49% tem alcançado boas amizades. Por outro lado, uns 19% tem tido problemas em estabelecê-las. O seguinte quadro resume a segunda situação:

Há desconfiança, mas procuro me aproximar	**11%**
Há hospitalidade, mas há esperança de mudança	**4%**
Há desconfiança e perigo em aproximar-me	**4%**
N/S	**32%**

Outros detalhes quanto aos obreiros que tem tido problemas para estabelecer relações com as autoridades locais:

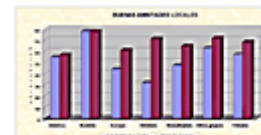
Critérios	Desconfiança	Hospitalidade	Perigo em aproximar-me
Casados	10.5%	4.5%	2%
Solteiros	11.5%	2%	7%
Homens	10.5%	5%	2.5%
Mulheres	10.5%	2%	5%
América	8.5%	7%	2%
Budista	11%	--	--
Europa	13.5%	3.5%	--
Hindu	7%	--	7%
Muçulmano	9.5%	3.5%	7%
Outra região	6%	6%	--
Tribal	16.5%	2%	--
< 2 anos de serviço	8.5%	4.5%	2%
2-5 anos de serviço	7.5%	4.5%	2%
5-10 anos de serviço	14.5%	1.5%	8%
> 10 anos	11%	4.5%	1.5%

Dos que dizem terem conseguido estabelecer amizade com as autoridades civis locais, os 59% são homens e uns 42% são mulheres. A porcentagem mais elevada, por mega esferas, são os que trabalham entre budistas (78%). Por tempo de serviço, os que tem mais de 10 anos no campo alcançam uns 58% deste índice positivo.

Os 65% dos obreiros entrevistados testificam que tem bons amigos locais em seu campo de trabalho, e outros 24.5% começam a fazer amigos entre as pessoas próximas. Em contra partida, uns 6% está tratando de aproximar-se das pessoas e 1% não tem conseguido ainda fazer amigos. Uns 3.5% não souberam informar.

- **Gênero**. Os 68.5% dos homens manifestam ter bons amigos dentro do povo comum em contraste com os 62% das mulheres. Em contra partida, entre os que estão começando a fazer amizades, as mulheres alcançam os 25% e os homens uns 23.5%.

- **Estado civil**. Entre os casados, os 68% disse ter muitos amigos em comparação com uns 58.5% dos solteiros. Dos que estão em processo de fazer amigos, os solteiros alcançam 30.5% e os casados uns 21.5%.

- **Mega esferas**. Os seguintes gráficos indicam os valores combinado, autoridades e povo comum, por mega esferas.

Relação com o pastor e sua igreja

Com respeito às relações interpessoais com o pastor da igreja de origem, os obreiros entrevistados manifestam que os 44% entendem os problemas do campo que eles enfrentam, desta porcentagem os 12% tem sido obreiros transculturais também. Por outro lado, os 34% indica que seus pastores não entendem seus problemas de campo, destes, uns 13.5% estão disposto a aprender como ajudar-los. Uma alta porcentagem (22%) não souberam informar.

A tabela seguinte prove detalhes da relação entre os obreiros e seus pastores, de acordo com os critérios do tipo de trabalho e mega esferas:

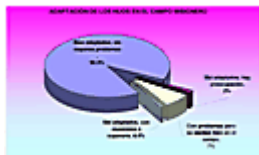
Critérios	Não me entende	Não me entende, mas deseja aprender	Foi missionário e me entende	Não foi missionário, mas me entende
Capacitação de lideres	22%	9%	16.5%	27%
Desenvolvimento Comunitário	21.5%	14%	12.5%	39.5%
Estabelecimento de Igrejas	20.5%	16%	9%	33%
Tradução	14%	14.5%	--	57%
Américas	12%	13.5%	7%	29.5%
Budistas	44.5%	--	11%	11%
Europa	22%	8.5%	12%	27%
Hindus	25%	10.5%	18%	28.5%
Muçulmanos	21.5%	16%	13%	36.5%
Tribais	22%	20.5%	9.5%	37%

RELAÇÕES COM OBREIROS DO “NORTE”

Os 50% dos entrevistados dizem que podem cooperar com seus colegas do “norte” se mutuamente se reconhecem os valores e diferenças culturais. Uns 24% dizem que tem

aprendido que podem cooperar com eles se conseguem identificar seus valores culturais. Os 5% testificam que, a menudo, a atitude de superioridade de seus colegas do norte lhes incomoda. Uns 2% olha só uma relação social e não vê como ter uma cooperação mais estreita com eles. Uns 18% não souberam responder.

H. Pais e Filhos

Os assuntos discutidos aqui são dois: adaptação ao campo e estudos. A maneira como os padres pensam e sentem sobre seus filhos no campo tem repercutes em sua eficiência e segurança em sua área de atuação.

Os 90.5% dos obreiros entrevistados relatam que seus filhos se tem adaptado ao campo sem maiores problemas. Os demais tem tido problemas: 7% com problemas, mas sem sentem bem no campo; 2% mal adaptados e estão preocupados com a esperança de superar o problema.

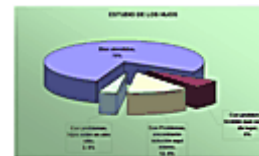
- **Mega esferas.** Dos que estão bem adaptados, os 100% trabalham entre budistas, 95% na Europa, 94% na América, 93% entre hindus, 89% entre muçulmanos, 88.5% entre tribos e 82.5% em grupos não especificados Em contraposição, dos que tem problemas de adaptação, os 17.5% trabalham entre grupos não especificados, seguidos dos **11.5**% entre tribos, 11% entre muçulmanos, 7% entre hindus, 6% nas Américas e 5% na Europa.

- **Tempo de serviço.** Das famílias com filhos que tem problemas de adaptação, os 31% tem menos de 2 anos de serviço; 16% tem entre 2-5 anos; 4.5% tem de 5-10 anos; 4% tem mais de 10 anos.

- **Grupo teológico.** A porcentagem mais elevada de famílias com filhos que estão bem adaptadas são obreiros tradicionais (95.5%), seguidos dos interdenominacionais **(92%),**

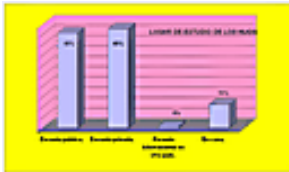
pentecostais (88%), independentes (86%) e os de grupos teológico não especificados (75%).

ESTUDOS

Quanto aos estudos, os 78% dos obreiros com filhos no campo informam que eles estão bem atendidos. O resto (22%) tem problemas educacionais: 12.5% tem problemas, mas encontraram soluções ali mesmo; (6%) tem problemas e se viram obrigados a mudar de endereço; e (3.5%) tem problemas e por isso os filhos estão em outro lugar.

Detalhes dos estudos segundo mega esferas e tempo de serviço:

Critérios	Mudaram de lugar	Encontraram solução ali no campo	Filhos já estão em outro lugar
Américas	**3.5%**	**3.5%**	**--**
Budistas	**--**	**33.5%**	**--**
Europa	**--**	**5.5%**	**--**

Hindus	**7%**	**7%**	**29%**
Muçulmanos	**4.5%**	**18%**	**3.5%**
Outros grupos	**17.5%**	**6%**	**--**
Tribais	**14%**	**18%**	**4%**
< 2 anos	**--**	**12.5%**	**--**
2-5 anos	**8.5%**	**15.5%**	**3.5%**
5-10 anos	**7.5%**	**15%**	**7.5%**
> 10 anos de serviço	**4%**	**8%**	**1%**

A porcentagem mais alta dos obreiros cujos filhos estão bem atendidos em seus estudos se encontram na Europa (94.5%), seguido muito perto dos que estão nas Américas (93%). O índice menor e dos que trabalham entre os hindus (57%).

Os 43% dos obreiros com filhos na idade escolar informam que seus filhos assistem a escolas publicas, os 45% as escolas privadas, os 11% estudam em casa e 1% esta numa escola internacional fora do país.

Os pais que trabalham na Europa (87%) e as Américas (51.5%) preferem mandar a seus filhos as escolas publicas. Dos que enviam seus filhos a escolas privadas estão os que trabalham entre muçulmanos (63.5%), grupos não especificados (47%), hindus (46%) e tribais (39.5%). A maioria dos que trabalham entre budistas optam para que seus filhos estudem em casa (66.5%).

Conclusão

O Presente relata se tem limitado a sublinhar os aspectos que a equipe de investigação tem considerado mais sobre salientes em todo o processo ate aqui. Aos lideres do movimento missionário ibero-americano lhe corresponde analisar os dados apresentados, tirar implicações e buscar aplicações e seus respectivos contextos.

Como toda a investigação, o presente relatório tem suas limitações. Não temos alcançado uma representatividade real dos obreiros brasileiros nem dos hispanos da América do Norte, tendo em vista sua cota de participação no universo ibero-americano como um todo. Assim que, e imprescindível que se volte aos temas e assuntos discutidos e levantados aqui num futuro próximo para que se poda proceder a uma analise comparativa com os resultados obtidos pela presente investigação.

Nenhuma investigação seria pode considerar-se final ou isenta de ajustes e correções futuras. O caso presente não e uma exceção à regra. Os mesmos temas e outros novos relacionados com, o que fazer com os missionários ibero-americanos, deveram ser reconsiderados a luz do presente relato. Só assim poderemos compreender nossa atuação missionária com o refinamento que cada projeto de investigação acrescenta ao seu

antecessor. Isto e o que constitui um verdadeiro e necessário projeto de dialogo missiológico do qual participam todos seus atores e protagonistas. Esperamos que pronto surja projetos similares, e que este dialogo acrescente as ferramentas de analises necessárias para uma ação transformadora de nossa participação em na Grande Comissão de Cristo

As mudanças significativas no processo missionário do qual somos parte requer tempo, ajustes e cooperação. Quem sabe alguns deles se possa colocar em prática a curto prazo, mas as mudanças de estrutura, que refletem praticas estabelecidas por décadas, podem tomas mais tempo e demandar mais esforço e consenso de todas as partes envolvidas.

O relatório apresentado não é um documento isolado ou autônomo em si mesmo. As seguintes fases do projeto de investigação, enfocadas nas estruturas de envio e na perspectiva desde o campo, serviram para completar o quadro que começa a desenhar e entender.

Granada, novembro de 2006.

Equipe de investigação.